



**A ascensão dos pobres a posições de elite
político-administrativa no contexto
do Cabo Verde pós-independente**

**Crisanto Barros,
sociólogo, prof. DCSH-Uni-CV**

1. Balanço da discussão sobre as elites em Cabo Verde

Iva Cabral (2001, 2015): Ascensão e queda da velha elite cabo-verdiana entre os séculos XVII e XVIII

- Monopólio das oportunidades económicas e políticas;
- Elite aniquilada no século XVIII pelo poder da Metrópole

Cláudio Furtado (1997): Reprodução da classe política graças ao controlo das estruturas do partido;

- Monopólio das oportunidades políticas cuja legitimação assenta na expansão do Estado
- Emergência de uma classe média escolarizada e politizada

José Carlos dos Anjos: (2002)

Elite intelectual e sua função de mediação cultural.

QUESTÕES CRÍTICAS

- A presença dos pobres no seio dessa elite é analisada como um efeito lateral do processo de reprodução de segmentos da burguesia fundiária e comercial e/ou da classe média
- Inexistência de uma explicação sobre a especificidade dos factores que elucidam o processo de elitização dos pobres

2. Balanço da discussão teórica sobre as teorias das elites

Mosca e Pareto: Elites em **Opção inicial**

contraposição a classes;

Bourdieu: Produção e reprodução das elites pela posse de espécies e volumes de capital;

Giddens: estrutura de elites depende do grau de integração e a forma de recrutamento

Farmer: elites naturais (capacidade de auto-reprodução) e elites artificiais (criadas pelo Estado)

Suleiman: Elites resultam das necessidades funcionais da expansão e diferenciação do Estado

□ **Elites político-administrativos** : pessoas que desempenham altos cargos no topo da administração do Estado cuja posição confere aos seus ocupantes uma diferenciação quer em termos de rendimento económico quer de prestígio em relação ao conjunto da sociedade (Bottomore; Busino, Giddens, Genyes; Suleiman; Chevalier, 1997;Farmer,)

□ 97% desses dirigentes são detentores de uma formação superior contra menos de 5% da população, o que indicia uma elevada diferenciação em termos de educação e, certamente, de status e rendimento salarial.

Pergunta de partida: como as elites político-administrativas se formam, reproduzem e se transformam?

3. Metodologia: combinação de técnicas quantitativa e qualitativa

Quantitativa:

- **Inquérito** (500 variáveis) a 180.
- **Informações estatísticas** do INE
- **Base de dados da administração pública**

Qualitativa

Entrevistas aprofundadas

Arquivos (liceus, AHN, AHU, Antiga Escola de Estudos Ultramarinos);

Análise documental : literatura especializada, estudos e relatórios

4. Matriz de Análise – Construção de trajetórias

BECKER , MARTINIELO (2012)

□ **Nível macro: estruturas das oportunidades e constrangimentos**

As estruturas das oportunidades e dos constrangimentos presentes numa determinada estrutura social constituem os factores objectivos que condicionam o processo de construção da carreira individual. Assim, as grandes mudanças económicas, jurídico-organizacionais, sociais, culturais e políticas condicionam largamente o processo de construção social da carreira individual

□ **Nível micro: estratégias individuais**

As oportunidades e os constrangimentos estruturais a nível macroestrutural, não são as únicas condicionantes do processo de construção de uma carreira. Esta é influenciada a nível micro em função das motivações, desejos de cada actor. Dito de outro modo, em função dos projectos individuais

□ **Nível intermédio: a mobilização dos recursos, redes e capital social**

A construção da carreira depende acima de tudo da interacção entre essas duas dimensões.

5. Principais resultados globais

Crítérios	Origem social das elites	%	% na População	Categorias de análise
Propriedade, Profissão Nível de instrução	Alto	19%	10%	Auto-reprodução
	Médio	59%	30%	Reprodução restrita ou dependente
	Baixo	22%	60%	Transformação
		100	100%	

6.Trajectórias dos pobres: Caso 1: Ministro(a)- Meio Rural

“(…)Nasci numa família de sete irmãos do lado materno e perdi a conta do lado paterno. Se não me engano mais de vinte e tal irmãos. Do lado materno, somos 7 irmãos, dois rapazes e cinco meninas. Eu fui criado pelo meu tio. A minha mãe não podia criar a todos. E o meu tio ofereceu-se para me criar. (...). Ele era solteiro e, por isso, tratava-me como um príncipe. Ele podia não ter muita coisa. Eu lembro-me, por exemplo, nós tínhamos parentes no estrangeiro, mandavam-nos calças, camisas, sapatos, e ele dava-me tudo (...).” (ANOS 50)

[...] Depois de concluir o ciclo em Assomada, vim estudar na Praia. [...] Aqui eu residia, inicialmente, com o marido da minha prima e, depois, com a minha irmã na Achadinha. Para o meu sustento na Praia, não só a família da minha prima me ajudava, mas também vinha muita coisa do interior. [...] O meu tio fazia questão de mandar, semanalmente, galinhas, feijão, tudo que o se produzia no interior” [...] Eu fiz o 7º ano como aluno externo. Isto porque estando na Praia naquele ambiente, comecei a sentir algumas necessidades que os meus pais já não podiam dar. Por isso, fui admitido e trabalhei por uns tempos na alfândega. (...) Depois, terminei o 7º ano, candidatei-me para uma bolsa de estudos. Não me deram a bolsa de estudos para o curso a que me candidatei. (...) Cheguei lá, na embaixada em Portugal, com o apoio de um diplomata, que era amigo do meu tio, um militante do partido então no poder, consegui mudar de curso e fazer a formação a que me propus inicialmente

6.1. Trajectórias dos pobres: Caso 2: Alto dirigente da AP- Meio Urbano

[...] Eu nasci na cidade da Praia (num bairro da periferia da capital) e aos 5 anos, mudamos para o Platô (parte central da cidade). Sou a filha mais nova, num grupo de oito irmãos. Os meus pais eram analfabetos. Eu venho de uma família muito humilde, o meu pai era chefe dos cozinheiros do palácio. Eu era a mais nova e tive sorte porque os meus irmãos trabalhavam e já contribuía um pouco em casa” (ANOS 50)

[...] A minha trajectória de formação deve-se, sobretudo, a duas professoras que tiveram impacto fundamental na minha vida. Uma, a esposa do Reitor do Liceu, antes de terminarmos a 4ª classe ofereceu-se para nos dar aulas grátis, tendo em vista a preparação para o exame de admissão. [...] Então essa professora disse-me que se quiséssemos íamos aos sábados e ela dava uma 4ª classe reforçada para recuperar para exame. Eu, como os outros, também fui. Na altura, era preciso fazer inscrições para o exame, tirar bilhete de identidade e os demais documentos. O meu pai disse-me que não ia investir naquilo porque era um exame muito difícil. Uma prima minha, com 14 anos, tinha tentado quatro vezes não conseguira e, por isso, eu não ia conseguir. [...] Então, disse isso à professora e ela mesma falou com o papai. Ela mesma é quem foi tratar dos documentos e fui fazer o exame de admissão, tendo sido aprovada. Depois, ela conseguiu-me a isenção de propinas e, seguidamente, ofereceu-me os livros da filha que tinha concluído o segundo ano. Assim com propinas pagas e materiais garantidos então consegui fazer o segundo ano (...).” (ANOS 60)

6.2. Trajectórias dos pobres (caso 2: Ministro(a)- Meio Rural

“(…) Bom, eu nasci numa família de gente com pouco escolaridade. A minha mãe era letrada, o meu pai tinha terceira classe, o que na altura se dizia primeiro grau, mas tinha um pai que tinha uma vontade enorme de conhecimento.. Mas não havia fonte onde beber. Você já sabe é preciso ter fonte para beber. Se você não tiver fonte a coisa não vai. É preciso haver água para beber. **A única água que o meu pai tinha era a Igreja (...). O meu pai nunca teve a coragem de me aliciar a ir para seminário, embora ele sempre queria que o filho fosse padre.** Ele não queria colocar-me no seminário porque na altura, ainda, quer dizer havia aquela mentalidade de que o padre era branco. Ele começou a tratar dos papéis para pôr-me na escola de regente agrícola nos Órgãos.(…) Então, comecei a tratar do problema para entrar no seminário. Como já lhe disse, o padre era uma referência importante na altura. E eu fui falar com o padre Louis Allaz e disse-lhe que queria ser padre. E era fácil, porque o meu pai era muito religioso, então, vinha de uma família muito religiosa portanto, ele nem sequer duvidou. Então nós começamos a preparar os papéis, a fazer os preparativos, mas sem dizer a minha mãe e o meu pai. (...) No dia em que eu disse ao meu pai, nós estávamos na horta dele, estávamos a tirar palhas para animal, então eu disse-lhe que iria para o seminário. O meu pai ficou tão contente, que deu um salto de um rego para o outro, quebrou uma coisa de cana e disse: “Deus já ouviu a minha oração” (...) (ANOS 60)

6.2. Trajectórias dos pobres (caso 2: Alto dirigente da AP- Meio Rural

“(...) Nasci em São Antão. A minha mãe era analfabeta, mas tinha consciência da importância da escola. Fiz os estudos primários e o ciclo preparatório na povoação. Deslocava mais de 30 minutos para chegar à escola. De regresso à casa, como era comum no meio rural fazia aqueles trabalhos domésticos. Em Santo Antão a nossa sobrevivência dependia dos produtos agrícolas que plantávamos e sobretudo da pensão de aposentação do meu pai que foi emigrante. Aliás, graças ao dinheiro que enviava tínhamos algum rendimento certo em casa. A minha mãe entendeu que deveria deslocar a S. Vicente para estudar, por forma a não seguir os demais irmãos que haviam completado apenas os estudos primários. (...) Depois, fui estudar em São Vicente, em 1985, e lá fiquei em casa de familiares. Em São Vicente era extremamente difícil. Era igual ao que acontecia com o pessoal do interior de Santiago que deslocava a Praia para continuar os estudos. Os meus pais enviavam géneros alimentícios para suprir as necessidades com a alimentação e o resto era comercializado. (...) Mas algumas vezes passei por circunstâncias muito difíceis, muito difíceis de alimentação (...)” “(...) No liceu Ludgero Lima era um aluno mui empenhado, pois sabia o que os meus pais esperavam de mim. Eles faziam muito esforço para me manter em São Vicente. Eu guardava a imagem dos meus irmãos que haviam concluído apenas o primário. (...). Após a conclusão do liceu, ganhei do Governo e uma bolsa e fiz a minha formação superior (...)”(Anos 80).

7.O que explica a ascensão dos pobres?

- 1) **Família extensa - elasticidade de pertenças familiares** – extensão da rede familiar;
- 2) **Igreja (seminário), Congregações religiosas** : Espiritanos, Capuchinhos, Salesianos;
- 3) **Emigração:** recomposição dos recursos familiares (acesso a terra, habitação nos centros urbanos)
4. **Políticas sociais do Estado Tardo colonial:** expansão do ensino primário, criação do liceu na Praia
- 5) **Estado nacional:** alargamento das políticas sociais (massificação da educação e acesso a rendimentos)
- 6) **Partidos políticos (acesso a escolarização via partido) e a mudança política (alargamento do recrutamento aos pobres;**

7.1. Pistas conclusivas

A ascensão de indivíduos oriundos de famílias populares a posições de elite político-administrativa no Cabo Verde pós-independência é largamente tributária do **papel desempenhado pelas congregações religiosas a partir dos anos 50 do século XX, da refundação do papel do Estado tardo-colonial, da edificação de um amplo programa social do Estado Nacional e dos efeitos das remessas dos emigrantes** na melhoria dos rendimentos das famílias.

É preciso ter em conta que essa mobilidade se deve também **às dificuldades de reprodução dos estratos sociais médio e alto da sociedade cabo-verdiana** eles próprios dependentes dessas alterações macroestruturais gizadas pelo Estado e pela Igreja ao longo dos séculos XIX e XX.

8. Revisitando as categorias e as teorias

Categorias

- ❑ Famílias – Criação
- ❑ Classe social – Grupos sociais
- ❑ Elites – Elitizados

Teorias

- ❖ **Reflexividade** (Arsher);
- ❖ **Experiencia** (Dubet)
- ❖ **Relação com o saber** (Charlot)

9. Novas tendências

❑ **Política de inversão do local de formação** – do exterior para Cabo Verde;

❑ **Desenvolvimento de um sistema dual** de ensino superior.

1) **A nível nacional (80%)**, destinado predominantemente aos estudantes oriundos de uma classe média baixa e das camadas populares da sociedade cabo-verdiana, ávidos pela obtenção de um diploma que lhes garanta uma mobilidade social ascendente e alguma consagração social.

2) **No exterior (20%)** frequentado pelos estudantes, geralmente com melhor desempenho escolar, provindos das camadas média e alta da sociedade cabo-verdiana, em busca de uma notabilização diferencial nas instituições estrangeiras.

11. Novas hipóteses:

Hipótese 1:

Política de inversão (Quem e em que condições?):

- Democratização do acesso ao ensino superior (11 estabelecimentos de ensino superior)
- Alargamento da base de recrutamento das novas elites com um peso importante das pessoas oriundas dos meios mais pobres;

Hipótese 2:

Política de reversão?

- A inflação do diploma: geradora de uma desclassificação relativa;
- Em geral, os classificadores são pessoas que estudaram no exterior;
- Estreitamento da base de recrutamento apesar da massificação;
- Massificação como criação de um mercado de acumulação do capital económico e cultural da classe media e dos novos ricos



OBRIGADO

**Crisanto Barros,
sociólogo, prof. DCSH-Uni-CV**